

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXV nº 1518 | 17/08/2020 a 30/08/2020

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

FEBRE AFTOSA

O BRASIL JÁ FOI. SÓ FALTA O MUNDO

Com o reconhecimento do Ministério da Agricultura,
Paraná aguarda chancela internacional como área
livre da doença sem vacinação em maio de 2021

sistemafaep.org.br

Aos leitores

Nada mais gratificante como resultado de um trabalho do que o reconhecimento. É isso que o Paraná vem acumulando, nos últimos anos, quando se trata do processo de reconhecimento como área livre de febre aftosa sem vacinação. O mais atual é o aval do Ministério da Agricultura, que começa a vigorar em 1º de setembro.

Na prática, o reconhecimento por parte do órgão federal muda pouca coisa, considerando o trânsito de animais e negócios envolvendo produtores e agroindústrias. Mas, na construção do processo de mais de cinco décadas para que o Paraná tenha a chancela mundial, é um passo fundamental. Agora, com praticamente todas as etapas cumpridas, basta aguardar a assembleia da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), em maio de 2021, para o Paraná colocar o selo máximo de sanidade no seu passaporte.

O reconhecimento é a coroação do trabalho. Mas não podemos esquecer que o caminho até o aval internacional, cada vez mais perto, exigiu esforço de dezenas de entidades dos setores público e privado, com destaque para o Sistema FAEP/SENAR-PR. Por muitas vezes, mesmo em um cenário adverso, a entidade manteve a bandeira levantada. E agora, ao lado de inúmeros parceiros, aguarda ver essa bandeira fincada em países que vão olhar com outros olhos para as carnes paranaenses.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Nelson Natalino Paludo | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Julio Cesar Meneguetti e Mario Aluizio Zafanelli

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Nelson Costa - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendência:** Débora Grimm

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos e William Goldbach **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1518:

Fernando Santos, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE



FEBRE AFTOSA

Paraná conquista reconhecimento nacional como área livre da doença sem vacinação e aguarda aval internacional

PÁG. 4

MIP

Curso do SENAR-PR voltado ao Manejo Integrado de Pragas na soja terá turmas na safra 2020/21

Pág. 10

EDUCAÇÃO

Materiais das campanhas contra a dengue e preservação da água auxiliam professores em todo Estado

Pág. 12

MEL

Projeto de meliponários em Curitiba foi idealizado a partir do curso do SENAR-PR

Pág. 24

NOVA SEÇÃO

Estreia a coluna “Onde se produz”, que detalha a produção das principais culturas agrícolas paranaenses

Pág. 26

CAFÉ

Como a pandemia afetou o consumo, a produção e as exportações do produto paranaense?

Pág. 28

Cartilha orienta produtores sobre os javalis

Desenvolvido pela força-tarefa coordenada pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, material pode ser baixado gratuitamente

O Sistema FAEP/SENAR-PR lançou uma cartilha em que expõe os riscos causados por javalis em diversos âmbitos e que acabam por implicar em prejuízos econômicos, ambientais e sanitários. Disponibilizado gratuitamente no site da entidade (www.sistemafaep.org.br), o material tem caráter orientativo e contempla desde o histórico do animal selvagem no Brasil até as normas para o controle populacional por meio da caça. A elaboração atende demandas surgidas em reunião da Comissão Técnica de Suinocultura da FAEP.

Conforme o mapeamento mais recente do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), os javalis estão presentes em pelo menos 88 municípios do Paraná. No ano passado, o **Boletim Informativo** trouxe uma matéria especial, com relato de produtores rurais que contaram de prejuízos causados pelos javalis, que devastaram lavouras e atacaram rebanhos. Ainda, o javali representa uma ameaça ao *status* sanitário por ser transmissor de doenças virais como Peste Suína Africana (PSA) e Peste Suína Clássica (PSC).

“Além de expor riscos, a cartilha traz uma série de orientações aos produtores e ao público em geral e que dimensiona essa questão dos javalis, animais que trazem prejuízos à economia paranaense, além de oferecer riscos diretos às pessoas”, diz a técnica do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR Nicolle Wilsek.

Ao longo da cartilha, o produtor rural vai aprender a diferenciar os javalis e os javaporcos (cruzamento de porcos domésticos com javalis), ambos animais exóticos, de catetos e queixadas, que são nativos. O material também

lista todas as legislações relacionadas ao controle desses animais – única espécie cuja caça é permitida, desde que seguindo a requisitos estabelecidos em lei e com autorização do Ibama, órgão responsável pelas políticas de controle.

“Quando falamos de programas de controle de javalis em escala continental, como a brasileira, devemos olhar para experiências similares ao redor do mundo. A caça de controle é recomendada em todos os países afetados pelo animal”, consta do texto.

Histórico

A cartilha também faz um resgate do histórico da presença do javali na América do Sul. Introduzido no continente pela Argentina e Uruguai ao longo do século XX para fins de criação, os animais foram trazidos ao Brasil. No Paraná, os bichos começaram a ser criados no município de Quatro Barras, na Região Metropolitana de Curitiba. Posteriormente, na década de 1960, os javalis e javaporcos foram levados a Palmeira, nos Campos Gerais, de onde fugiram e/ou foram soltos, dando origem à superpopulação que, hoje, está disseminada pelo Estado.

Os javalis são da família *Suidae*, com características físicas que variam por região por causa dos inúmeros tipos de cruzamentos. Em geral, os machos pesam entre 50 e 250 quilos e medem entre 1,40 e 1,80 metro, embora tenham havido registros de espécimes em dimensões ainda maiores.

O material foi publicado com colaboração do Mapa, Ibama, Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Instituto Água e Terra do Paraná, Associação Paranaense de Suinocultores, Sistema Ocepar e Exército Brasileiro.



ACESSE A
CARTILHA

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o QR Code.
- Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.



Selo de sanidade ainda mais próximo

Aval do Mapa deixa o Paraná à beira da conquista do *status* mundial de área livre de febre aftosa sem vacinação, que deve ocorrer em maio de 2021

O Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) reconheceu o Paraná como área livre de febre aftosa sem vacinação. O ato foi oficializado por meio da Instrução Normativa (IN) 52, assinada pela ministra Tereza Cristina e publicada no dia 11 de agosto, mas que começa a vigorar em 1º de setembro. Além do Paraná, Acre, Rio Grande do Sul, Rondônia e parte do território do Amazonas e do Mato Grosso também foram declarados áreas livres da doença sem vacinação. A medida é mais um passo rumo ao reconhecimento internacional por parte da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), o que deve ocorrer em maio de 2021.

“O reconhecimento por parte do Mapa é parte deste processo, cujo objetivo maior é que o Paraná obtenha a chancela internacional, o que deve ter um impacto muito positivo para o nosso agronegócio. O reconhecimento mundial abre mercados mais sofisticados não só para a bovinocultura, mas para toda a nossa pecuária. É um selo de que temos sanidade”, aponta o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

Calendário do novo *status*

O Paraná já cumpriu diversas etapas. Confira as próximas até o reconhecimento internacional como área livre da doença sem vacinação



2019

Maio:
Última campanha de vacinação de febre aftosa no Paraná



2019

Outubro:
Mapa suspende oficialmente a vacinação no Paraná. Ficam proibidas a manutenção, comercialização e aplicação da vacina no Estado



2020

Janeiro:
Paraná promove o fechamento sanitário de suas divisas. Com isso, o Estado não pode receber bovinos e bufalinos para cria, recria e engorda de unidades da federação que ainda vacinam o rebanho

A IN reitera que os Estados mencionados devem manter o controle sanitário de suas divisas, conforme já estabelecido anteriormente. O Paraná está com os limites territoriais fechados desde o início do ano. Na prática, isso significa que, conforme determinação do Mapa, o Estado passou a proibir a entrada de bovinos e bufalinos voltados à cria, recria e engorda que provenham de unidades da federação que ainda vacinam seu rebanho contra a febre aftosa. Esses animais só podem dar entrada no Paraná como carga lacrada, a ser encaminhada para abate imediato, ou para cruzarem o território paranaense, em direção a outros Estados.





2020

Fevereiro:

Paraná concluiu a construção do 33º Posto de Fiscalização de Transporte Agropecuário. Era o último ponto que faltava para que o Estado fechasse suas divisas

2020

Junho:

Adapar coleta amostra de 10 mil bovinos em 330 propriedades rurais do Paraná. Material fez parte do inquérito sorológico para apontar a ausência de circulação viral no Estado

2020

Agosto:

Reconhecimento como área livre de febre aftosa sem vacinação pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

2020

Agosto:

Inquérito sorológico é concluído pelo Mapa e enviado à Organização Internacional de Saúde Animal (OIE)

2020

Novembro:

OIE analisa todo o processo de solicitação do novo status por parte do Paraná. Entidade pode solicitar adequações de pontos específicos

2021

Maió:

Com o cumprimento de todos os pré-requisitos, Paraná é declarado área livre de febre aftosa sem vacinação, em assembleia-geral da OIE

Fonte: DTE/FAEP | Infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

Em janeiro, quando o bloqueio sanitário começou, o Paraná só podia receber normalmente bovinos e bufalinos que proviessem de Santa Catarina, único Estado brasileiro já reconhecido internacionalmente como área livre de febre aftosa sem vacinação. Em junho, a lista de Estados que podem comercializar animais para cria, recria e engorda com o Paraná aumentou, com a inclusão dos territórios que, agora, também foram reconhecidos pelo Mapa como área livre de febre aftosa sem vacinação: Rio Grande do Sul, Acre, Rondônia e parte do Amazonas e do Mato Grosso.

Para fazer o controle da entrada de animais provenientes de outros Estados, o Paraná precisou consolidar uma rede de 33 Postos de Fiscalização de Trânsito Agropecuário (PFTA), instalados ao longo da divisa com Santa Catarina, São Paulo e Mato Grosso do Sul e na fronteira com o Paraguai (gerenciado pelo Mapa). Administrados pela Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), esses pontos são responsáveis por vistoriar todos os caminhões que transportam animais e/ou produtos agropecuários que queiram ingressar ou cruzar o Paraná.



O fortalecimento do sistema sanitário do Estado não é nada recente, mas, reflexo de uma política constante de investimento que começou cinco décadas atrás e que teve participação decisiva da iniciativa privada. Só de 1997 a 2019, o Sistema FAEP/SENAR-PR investiu US\$ 10,2 milhões, fomentando a participação em reuniões e congressos de órgãos internacionais e estimulando a criação de políticas públicas.

Impacto no mercado

O novo *status* sanitário é considerado fundamental para a abertura de novos mercados mundiais. Com o reconhecimento internacional, o Paraná poderá comercializar seus produtos a países que demandam cortes mais sofisticados e que pagam mais pela tonelada. No fim do ano passado, a Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab) apresentou o estudo “Paraná livre de febre aftosa sem vacinação: análise e perspectivas”, que demonstra que a chancela internacional traz consigo ganhos potenciais, cujos benefícios vão bem além da bovinocultura. Isso porque o reconhecimento internacional representa o aval da robustez de todo o sistema sanitário animal do Paraná.

“Isso vai dar à nossa agroindústria poder de negociação. Teremos um selo de qualidade por meio do qual vamos poder vender nossos produtos nos mercados mais exigentes do mundo, para que o nosso produtor tenha condição de continuar alavancando a produção da avicultura, suinocultura, pecuária de leite, pecuária de corte”, diz Ágide Meneguette. “Somos um Estado de pequena propriedade, mas temos trabalhado para que esta pequena propriedade seja muito produtiva”, acrescenta.

Na suinocultura, em que o Paraná desponta como segundo maior produtor nacional, a expectativa é de abertura de novos – e importantes – mercados para a carne paranaense. Hoje os frigoríficos paranaenses não têm acesso aos principais países importadores deste tipo de proteína. Japão, México, Coreia do Sul e União Europeia respondem por uma parte nobre do comércio mundial e, hoje estão de portas fechadas para o suíno paranaense.

De acordo com o estudo, com o novo *status* sanitário, o Paraná estaria apto a exportar, sem restrições de mercado para países que pagam mais, um potencial adicional de 5,1 milhões de toneladas. Em um cenário em que o Paraná consiga 2% deste mercado potencial, as exportações do Estado dobram, passando das atuais 107 mil toneladas para mais de 200 mil toneladas, de acordo com as estimativas da Seab.

O estudo da Seab também traz indicativos em relação a valores. O preço médio da carne suína brasileira exportada foi de US\$ 2.360 por tonelada em 2017. Em 2018, fatores como a operação “Carne Fraca”, da Polícia Federal, e greve dos caminhoneiros arranharam a imagem da carne brasileira no mercado internacional. Fruto desse processo, o preço médio pago por tonelada da carne suína caiu para US\$ 1.880.

Nesse período, Santa Catarina, o único Estado brasileiro a gozar do *status* de livre de febre aftosa sem vacinação, conseguiu vender sua carne suína para mercados como Japão e Coreia do Sul, abertos somente para áreas sem vacinação. O preço médio para estes países foi de US\$ 3.330 por tonelada (janeiro a outubro de 2018), o que representa 77% a mais do que o preço médio da carne suína no Brasil, aponta o estudo. Ou seja, mesmo em um cenário de crise, o Paraná teria condições de vender seu produto por um preço acima da média, fornecendo para mercados mais sofisticados.



Conquista reflete décadas de esforço

Entre o fim dos anos 1960 e começo dos 1970, a pecuária paranaense sofria com índices de natalidade ruins, mortalidade elevada de bezerros, idade alta de abate e, principalmente, dificuldades sanitárias. Não era incomum, na época, encontrar bovinos com febre aftosa. Cenário bem diferente do vivido atualmente, no qual os técnicos da área nunca sequer viram um animal doente ao vivo e a cores. Sem contar os avanços de uma das pecuárias mais modernas do mundo, que é a praticada em território estadual. Mas isso não veio de graça e exigiu muito esforço.

Para contar um pouco dessa história é preciso voltar aos anos 1970. Nessa época, a pecuária do Paraná passou a contar com uma equipe de peso e afinada para construir uma sanidade exemplar para o mundo. Na época, o serviço veterinário oficial paranaense entrou em campo com força total para promover uma transformação significativa na estrutura, mas especialmente na mentalidade dos envolvidos na cadeia como um todo. As táticas eram ousadas, necessárias para driblar uma série de obstáculos como estradas precárias, falta de rede refrigerada e desconfiança dos produtores às novidades apresentadas.

É preciso reconhecer o esforço de fiscais agropecuários, que inúmeras vezes tiveram que domar jipes e fuscas para ficarem dentro das estradas lamacentas da ainda embrionária malha rodoviária estadual. Para ilustrar a situ-

ação é preciso enfatizar que, na década de 1970, o Estado contava com 2.056 quilômetros de estradas, sendo apenas 793 quilômetros pavimentados. Hoje, são mais de 16 mil quilômetros de rodovias federais e estaduais existentes, com um total de 14,1 mil quilômetros pavimentados, segundo informações do Sistema Rodoviário Estadual, do Departamento de Estradas e Rodagem (DER).

O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, ratifica que é preciso reconhecer a união de todos em prol desse objetivo comum, o que nos faz ficar cada vez mais perto de um Paraná livre de aftosa. “Olhando para trás, temos orgulho de ver que todo esse esforço, que envolveu milhares de pessoas, deu frutos. O produtor, as empresas, o governo e as demais entidades envolvidas entenderam que sem sanidade não se chega a lugar nenhum. O Paraná é exemplo de mobilização, o que faz do nosso Estado um exemplo para o mundo”, reflete.

O médico veterinário Ronei Volpi, hoje diretor-executivo do Fundo de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Paraná (Fundep), coordenava o núcleo de defesa agropecuária do Sudoeste do Paraná nos anos 1970. “Com conhecimento de causa ao longo de todos esses anos, posso dizer que hoje a cadeia produtiva só está preparada para conquistar o *status* de livre de febre aftosa sem vacinação porque foram feitos esforços por inúmeras pessoas. Muitas dedicaram suas vidas à construção do sistema sanitário mais robusto do Brasil atualmente”, enfatiza.



CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.
- Ou assista ao vídeo da matéria no nosso site sistemafaep.org.br



Após pedido da FAEP, suspensão da queima da cana é prorrogada

Medida passa a vigorar a partir do dia 17 de agosto, permitindo que o setor se adeque

+ UMA
CONQUISTA



O setor sucroalcooleiro do Paraná tem até o dia 17 de agosto para se adequar à Portaria 221, que suspende, pelo período de 30 dias, a prática de queima controlada como método para a despalha de cana-de-açúcar no Estado, publicada pelo Instituto Água e Terra (IAT), vinculado à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo (Sedest). Antes válida a partir do dia 6 de agosto, a medida foi prorrogada para o dia 17 do mesmo mês após um pedido da FAEP. A nova decisão do IAT, mediante Portaria 225, foi publicada no Diário Oficial do Estado do Paraná desta quarta-feira (12).

Com a nova medida, além da data de vigência a partir de 17 de agosto, a medida cancela os eventuais autos de infração lavrados do dia 6 de agosto até o dia 17 do mesmo mês.

“A mudança na data da medida permite que as usinas e produtores do Paraná possam se adequar, minimizando os impactos no campo. Sabemos da importância quanto a qualidade do ar e o combate as formas que podem gerar poluição, mas uma medida como essa precisa levar em consideração diversos aspectos de todos os envolvidos. Foi isso que aconteceu com a prorrogação da data”, afirma o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

No dia 7 de agosto, a FAEP encaminhou ofício aos órgãos estaduais solicitando um prazo de 15 dias para adequação e

providências antes da vigência da Portaria 221. No pedido, a Federação apontou impactos econômicos e sociais que poderiam atingir o setor sucroalcooleiro do Paraná caso a suspensão imediata entrasse em vigência. No primeiro momento, a Portaria 221 interferiria nas atividades de 21 usinas licenciadas, localizadas em sua maioria na região Norte, além de produtores rurais de todo o Estado.

Ainda, a FAEP destacou o cumprimento do Decreto Estadual 10.068/2014, que determina como prazo até 2025 para que as indústrias e produtores de cana-de-açúcar deixem de praticar a queima e façam a colheita de forma mecanizada. Nas áreas não mecanizáveis, a utilização da queima controlada deverá ser eliminada até a data de 31 de dezembro de 2030, desde que exista tecnologia viável.

“O protocolo firmado com o governo estadual está sendo cumprido rigorosamente pelo setor agroindustrial. A prática da queima é utilizada onde há colheita manual da cana-de-açúcar, o que atinge milhares de hectares e produtores rurais paranaenses. As usinas precisam deste tempo de planejamento para encontrar alternativas, de modo que a produtividade seja mantida e estes trabalhadores e suas famílias não sejam prejudicados”, reforça Meneguette.



Conselho dos produtores de cana-de-açúcar, açúcar e álcool do Estado do Paraná / **CONSECANA-PR**

RESOLUÇÃO Nº 04 - SAFRA 2020/2021

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 30 de julho de 2020 na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam a projeção do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2020/2021, que passam a vigorar a partir de 01 de agosto de 2020.

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO PARANÁ - SAFRA 2020/21 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	0,66%	62,28
AME	41,25%	70,29
EAC - ME	0,22%	1.757,00
EAC - MI	19,16%	1.866,09
EA - of	0,03%	1.928,60
EHC - ME	0,81%	1.947,66
EHC - MI	36,63%	1.654,20
EH - of	1,25%	1.555,71

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 19,40% 1.864,96
EHC - ME + MI + of 38,69% 1.657,19

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	0,66%	0,7062
AME	41,25%	0,8002
EAC - ME	0,22%	0,6182
EAC - MI	19,16%	0,6565
EA - of	0,03%	0,6785
EHC - ME	0,81%	0,7151
EHC - MI	36,63%	0,6074
EH - of	1,25%	0,5712
Média		0,6975

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 19,40% 0,6561
EHC - ME + MI + of 38,69% 0,6085

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	76,17	85,07
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	76,17	85,07

Maringá, 30 de julho de 2020

ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO / Presidente

DAGOBERTO DELMAR PINTO / Vice-presidente

Curso MIP-Soja terá turmas em 2020/21

SENAR-PR realizou adaptações por conta da pandemia. Primeira etapa será feita a distância e atividade de campo vai seguir recomendações sanitárias

O SENAR-PR vai abrir turmas para o curso “Inspetor em Manejo Integrado de Pragas (MIP-Soja)” na safra 2020/21. A decisão pela realização ocorreu pelo fato de a formação ser sazonal. Ou seja, não há como adiar os monitoramentos práticos nas lavouras. A tarefa precisa seguir o calendário da safra agrícola. As demais formações presenciais do SENAR-PR seguem suspensas temporariamente.

Com os ajustes, o treinamento poderá ocorrer seguindo as determinações de autoridades sanitárias, de não promover aglomerações em virtude da pandemia do novo coronavírus.

Segundo Flaviane Medeiros, técnica do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR e responsável pelo curso, a principal mudança vai se dar na primeira fase da formação.

“As primeiras 16 horas de aulas, que ocorrem antes do plantio, vão acontecer de modo remoto, no formato EaD [Ensino a Distância]. Depois, nos monitoramentos que acontecem na propriedade, o número máximo de alunos será de, no máximo, quatro em cada grupo. E as atividades são sempre em espaços abertos. Todos serão instruídos a seguirem as recomendações sanitárias, como o uso de máscara”, comenta Flaviane.



CONFIRA O VÍDEO DA MATÉRIA

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o **QR Code**, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.

- Ou assista ao vídeo da matéria no nosso site sistemafaep.org.br



Memória do Campo



Tradicionalmente, as turmas do MIP-Soja costumam ter 16 alunos, divididos em quatro grupos. Há um rodízio nas atividades em campo, cada vez na propriedade de um dos integrantes. Assim, ao fim do treinamento, o instrutor passa por todas as lavouras dos participantes, tirando as dúvidas que surgem na hora de bater o pano e verificando o equilíbrio natural nas plantações.

Como participar

Assim como nos anos anteriores, os produtores que tiverem interesse em participar do curso devem entrar em contato com o sindicato rural local. Caso o produtor não tenha acesso à internet para participar das atividades remotas, pode contar com a infraestrutura dos sindicatos para cumprir essa primeira etapa. Os materiais didáticos para os participantes também serão enviados via sindicatos.

Curso vai para quinta edição

O curso de MIP-Soja do SENAR-PR vai para a quinta edição na safra 2020/21. A primeira ocorreu em 2016/17, quando fechou 18 turmas. No ciclo 2019/20, foram 56. Desde o início, a formação vem promovendo uma mudança significativa na maneira como os produtores fazem o uso de inseticidas. Com o monitoramento constante das lavouras, é possível perceber se realmente há necessidade de fazer o controle químico e usar esse recurso de forma racional. Há casos de plantações que passam o ciclo todo de desenvolvimento sem nenhuma aplicação de inseticidas ao longo do ciclo, refletindo em economia direta no custo de produção.

Aplicativo

Outra novidade a partir deste ano é que os instrutores de MIP-Soja contarão com um aplicativo para ajudar no gerenciamento das informações geradas em campo. A ferramenta foi desenvolvida pelo professor Gabriel Costa Silva, do campus de Cornélio Procopio da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e nove alunos da instituição. O *software*, que vai ter capacidade de organizar e gerar informações em tempo real do monitoramento de pragas, teve seu desenvolvimento apoiado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, Instituto de Desenvolvimento Rural – Iapar – Emater (IDR-PR) e a Embrapa Soja.

Leia mais sobre o aplicativo na edição 1517 do Boletim Informativo, no site do Sistema FAEP/SENAR-PR. <https://www.sistemafaep.org.br>



Mobilização pelo câmbio

Há 13 anos, o Boletim Informativo destacava uma mobilização conduzida pelo Sistema FAEP/SENAR-PR e pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA) para sensibilizar os parlamentares do Congresso e o então ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, em relação à política cambial. Na ocasião, em junho de 2007, o real estava bem mais forte, quase paritário em relação ao dólar. A cotação da moeda americana estava na casa de R\$ 1,07. Isso impactava negativamente no plantio e na comercialização externa da safra paranaense.

A matéria de capa trazia o posicionamento da FAEP, apresentando pelo presidente da entidade, Ágide Meneguette, que apontou que a desvalorização exagerada do dólar provocou prejuízos no campo e o endividamento do produtor rural. Um estudo do Sistema FAEP/SENAR-PR demonstrou que, entre 2004 e 2007, a variação cambial provocou perdas de R\$ 9,7 bilhões aos produtores rurais do Paraná.

Hoje, o cenário é inverso. O dólar começou 2020 na casa dos R\$ 4,05 e já superou os R\$ 5,40. Se o câmbio alto pode afetar outros setores da economia, têm sustentado as exportações brasileiras, garantindo ganhos aos produtores que exportam. A valorização da moeda americana ajudou a manter a balança comercial favorável, mesmo durante a pandemia do novo coronavírus. Por outro lado, no entanto, o dólar alto acaba ampliando os custos de produção, já que alguns dos principais insumos agropecuários são importados.

Materiais da água e dengue auxiliam professores do Paraná

Instrumentos didáticos das campanhas promovidas pelo Sistema FAEP/SENAR-PR estão sendo utilizados, de forma remota, para conscientizar alunos e familiares

No primeiro semestre de 2020, o Sistema FAEP/SENAR-PR, em parceria com entidades públicas e privadas, lançou duas campanhas: prevenção contra a dengue e uso racional da água. Diante de uma série de ações programadas, a entidade está disponibilizando inúmeros materiais didáticos sobre os dois temas, para que sejam utilizados pelos professores das redes pública e privada para repassar informações e ensinamentos aos milhares de alunos paranaenses.

As campanhas, apesar de distintas, possuem temas complementares que podem ser implementados na rotina das aulas, de acordo com o planejamento didático de cada escola. A professora Marli da Fonseca, da Escola Municipal Castro Alves, localizada em São João, na região Oeste do Estado, está tra-

balhando o material relacionado à campanha da água com os alunos. Isso porque os conteúdos vão dar embasamento para o conteúdo sobre a dengue, a ser introduzido na sequência.

“A água é um dos temas que eu mais gosto de trabalhar porque está ligado a tudo na nossa vida. Então, resolvi partir desse material para que eles entendam melhor os cuidados que devemos ter com a água em si e, em seguida, envolver outros assuntos, como a dengue e seus focos de contaminação”, explica Marli.

Segundo a professora, trabalhar com projetos que fogem dos tradicionais materiais didáticos é fundamental para que a consciência desenvolvida nos alunos atinja também a família e a comunidade local. Agora, durante a pandemia do novo co-



Alunos, com participação das famílias, desenvolvem trabalhos para as campanhas do Sistema FAEP/SENAR-PR

ronavírus, esse envolvimento tornou-se ainda mais necessário. No cronograma das aulas, ferramentas como o aplicativo *WhatsApp* ocuparam espaço e o contato com as famílias dos alunos ficou mais próximo.

“Como a gente tem os grupos, eu já dou a introdução do assunto que vou trabalhar, como os temas das campanhas, e vou desenvolvendo atividades e conversando com os pais. Esses materiais são um estímulo para diversificar o tipo de atividade, mesmo que à distância, para não ficarmos naquela coisa de só escrever na apostila e devolver. É algo que desenvolve outras habilidades, como criatividade e comunicação”, relata a professora, que tem investido no uso de diferentes recursos, como gravação de áudios e vídeos. Uma das propostas incentivou os alunos a produzirem chamadas em formato de áudio alertando sobre os cuidados com o desperdício de água, com o objetivo de ser veiculado na rádio local.

No município de Terra Boa, na região Norte, a professora Anézia Aparecida de Oliveira também tem trabalhado o material da campanha da água com os alunos da Escola Municipal Princesa Isabel. Da mesma forma que a colega de São João, Anézia mantém um grupo para repassar materiais e discutir as atividades desenvolvidas com as famílias. Apesar das limitações das aulas à distância, a experiência vem dando bons resultados.

“Eu uso bastante o material para preparar aula, abordando o uso consciente da água, as fontes de água, a importância do coletivo para a preservação. Todo dia faço um vídeo explicativo e tentamos propor algo novo. Por exemplo, no caso da água, vamos fazer um jogral [modo de declamação de poemas ou canções por um coro, alternando entre o canto e a fala] com os pais e os alunos”, conta.

Formação para professores

A campanha de prevenção contra a dengue, lançada em junho pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, conta com um diferencial. Além do material didático disponibilizado em parceria com o Programa Agrinho, o SENAR-PR desenvolveu uma capacitação profissional destinada aos docentes. O curso com carga-horária de 40 horas, também no formato Educação a Distância (EaD), utiliza materiais da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vinculada ao Ministério da Saúde, com o objetivo de levar conhecimento especializado sobre a doença.

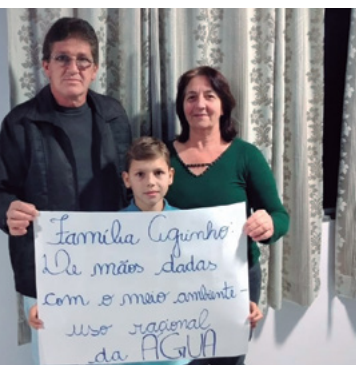
Além do conteúdo técnico, a capacitação propõe a realização de atividades *online* que simulem o uso de metodologias ativas e recursos digitais. “Essa é a realidade que os professores estão vivendo hoje. Então, pedimos para que eles planejassem a criação de um vídeo que, depois, pudessem usar nas aulas como fonte de conteúdo. Isso pode ser uma ferramenta de disseminação de informação e conteúdo que faz com que os alunos também mobilizem aqueles que estão na comunidade, para uma mudança de cultura e de prática”, destaca Raphaela Gubert, uma das tutoras do curso EaD disponibilizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR.

Em Cambará, no Norte Pioneiro, a professora Joyce Rafagnin de Pinho, que atua na Escola Mensageiros de Luz (APAE), participou da formação e, agora, se sente apta a trabalhar o material com os alunos. “Essa campanha veio para reforçar a importância de abordar esse assunto na escola, ainda mais no nosso município, onde já teve óbitos decorrentes da dengue”, aponta. “O diferencial do método é a aprendizagem das crianças voltada para a pesquisa, algo que gostam muito, porque aprendem por seus próprios mecanismos. Nossos alunos são muito curiosos e sensitivos ao novo”, acrescenta.

Segundo a professora, as aulas *online* ainda fazem parte de um período de adaptação, mas o apoio da equipe pedagógica tem sido fundamental para que a aprendizagem dos alunos não seja prejudicada. No curso, Joyce também desenvolveu um projeto que pretende colocar em prática em parceria com outra professora. “A gente fica muito empolgado, quando faz o curso, para colocar tudo em prática com os alunos. Eu quero dar continuidade a esse projeto, pois acho que vai ser um método fácil para trabalhar online e com resultado”, compartilha.

O projeto da professora Joyce propõe a conscientização sobre a separação correta do lixo orgânico e dos recicláveis e a criação de uma composteira para os dejetos. Dessa forma, o objetivo do trabalho é reduzir o acúmulo de lixo, um dos maiores fatores que contribuem para proliferação do mosquito transmissor da dengue (*Aedes aegypti*).

A professora Marcia Tereza Czernysz Ribas, da Escola Municipal do Campo Gustavo Kuss, em Lapa, Região Metropolitana de Curitiba (RMC), também foi uma das participantes do curso do Sistema FAEP/SENAR-PR. Para a docente, as estratégias utilizadas no curso podem auxiliar os professores nessa nova prática de ensino e aprendizagem remota dos alunos, algo a ser desenvolvido independentemente do conteúdo.



“Todo ano, nós já trabalhamos a prevenção da dengue, pois é um assunto que não pode faltar. Mas com o curso, além do conteúdo informativo, pudemos ver novas possibilidades de trabalhar, trocar ideias com outros professores que estão passando pela mesma situação, pelas mesmas dificuldades, e tudo isso ajuda”, afirma.

No caso de Marcia, que dá aula para crianças em fase de alfabetização, o uso de vídeos informativos e atividades lúdicas são indispensáveis. “No curso, tivemos mais informações sobre como utilizar a tecnologia em sala de aula. A tutora nos pediu vídeos, o que estimulou a pensar fora da caixa. Nós acabamos praticando o que podemos usar com os alunos”, complementa a professora.

Durante a capacitação, além da apresentação e uso de ferramentas digitais, os professores devem planejar uma aula com base no aprendizado adquirido. De acordo com a tutora Raquel Glitz, o formato do curso já é uma oportunidade de o professor conhecer e interagir em uma nova plataforma. “Nesse momento, é colocar o professor no lugar do aluno, para ele sentir a dificuldade que o aluno dele pode ter e entender melhor os desafios do dia a dia”, ressalta.



Inscrições para o concurso começam em outubro

Para fomentar a participação nas campanhas, o Sistema FAEP/SENAR-PR vai realizar um concurso para premiar as melhores iniciativas desenvolvidas pelos professores e alunos de escolas das redes pública e privada de todas as regiões do Paraná. Assim como o trabalho realizado com os materiais disponibilizados, o concurso será realizado inteiramente em formato remoto.

As inscrições acontecem a partir de 19 de outubro até 26 de outubro de 2020, no site do Sistema FAEP/SENAR-PR (www.sistemafaep.org.br). Os resultados serão divulgados na segunda quinzena de novembro de 2020.

As categorias serão Desenho (1º ano), Redação (2º ao 9º ano) e Prática Pedagógica. No período de inscrições, o professor será o responsável por fazer o *upload* dos materiais dos alunos no site do Sistema FAEP/SENAR-PR. Na

Prática Pedagógica, o docente terá que enviar um vídeo de até três minutos descrevendo as estratégias pedagógicas utilizadas para desenvolver os conteúdos com a turma. Nenhum trabalho deve ser enviado via Correios, somente pelo site da entidade.

O concurso da campanha “Agro pela água: Família Agrinho de mãos dadas com o meio ambiente” também será aberto aos alunos dos programas Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) e Aprendizagem de Adolescentes e Jovens (AAJ), ambos do Sistema FAEP/SENAR-PR, na categoria Redação. Professores do ensino regular, da educação especial e instrutores do AAJ e JAA podem participar do concurso na categoria Prática Pedagógica. Os docentes terão que elaborar um vídeo de até três minutos mostrando as estratégias e os recursos utilizados para abordar o tema da campanha junto aos seus alunos.

Ao todo, serão mais de 400 prêmios para alunos e professores, como tablets, laptops e projetor multimídia. O regulamento completo do concurso para ambas as campanhas está disponível no site do Sistema FAEP/SENAR-PR.



Agrinho assume o posto de mascote das campanhas

Os personagens do Programa Agrinho já são velhos conhecidos dos paranaenses. Todos os anos, Agrinho e seus irmãos, Nando e Aninha, têm um encontro marcado com o programa, que, há 25 anos, vem ajudando a transformar a educação no Estado, promovendo uma atuação para além dos moldes tradicionais da sala de aula.

Com o cancelamento da edição deste ano, em virtude da pandemia do novo coronavírus, a família Agrinho está com uma missão diferente, porém não menos importante. O personagem é o mascote das duas campanhas do Sistema FAEP/SENAR-PR: “Prevenção contra a dengue: Agrinho de mãos dadas com a saúde” e “Agro pela água: Família Agrinho de mãos dadas com o meio ambiente”.

As ações promovidas pela entidade utilizam os personagens do Agrinho como porta-vozes, de forma que os milhares de alunos do Estado continuem sendo contemplados com a proposta educativa do programa.

Prevenção contra a dengue é tema de interesse nas escolas

Sabendo da importância da conscientização sobre os cuidados com a dengue, as professoras Narli Pereira Oliveira e Danieli Tavares Pigosso começaram a trabalhar o tema com os alunos antes mesmo da criação da campanha do Sistema FAEP/SENAR-PR. Na Escola Municipal Luciane Almeida Liberal no município de Moreira Sales, na região Centro-Sul, ainda durante as aulas presenciais, a professora Narli deu início a uma série de atividades, como paródias, dobraduras e até fabricação de repelente caseiro. A iniciativa surgiu quando um dos alunos testou positivo para doença, o que causou preocupação entre os colegas.

Com a campanha, Narli pretende dar continuidade ao projeto, utilizando os materiais didáticos disponibilizados pelo Sistema FAEP/SENAR-PR nas aulas *online*. “O que fizemos até então foi muito produtivo, envolveu a família e vimos os alunos se conscientizarem bastante. Quero ver o que mais dá para ser trabalhado, o que podemos adaptar”, revela.

Para a professora Danieli, que trabalha na Escola Municipal Coronel Santiago Dantas na cidade de Chopinzinho, no Sudoeste do Estado, a ideia também surgiu a partir de uma preocupação comum. No caso, o alto índice de notificações da doença registrado no município. A iniciativa envolveu toda a escola, aproximadamente 270 alunos. Além do reforço nos conteúdos sobre a importância da prevenção, as atividades realizadas incluíram produção de vídeos, música, teatro e cartazes informativos.

“Todas as sextas-feiras, durante a solenidade do hino, a gente lembrava para que eles continuassem cuidando no final de semana, para que tirassem um tempinho junto com os pais para dar uma olhada em casa e ver se não tinha água parada no local. Ainda, que continuassem conversando com a família e vizinhos para ter os mesmos cuidados”, conta a professora.

O objetivo é retomar o trabalho, de forma remota, neste segundo semestre. Segundo Danieli, há estímulo e suporte de toda a equipe pedagógica, inclusive Secretaria Municipal de Educação, para dar continuidade às atividades e também implementar o material didático da campanha nas aulas. “Os relatos das famílias são positivos, de que os alunos cobram os pais para conferir o quintal, que querem conversar com os avós e vizinhos. É dessa forma que a gente planta a sementinha e depois colhe os frutos”, conclui.

Setor florestal se reinventa para atender mudança no perfil de consumo

Com grande representatividade no Paraná, produção de papel e celulose redireciona esforços para escapar das turbulências da pandemia e aproveitar oportunidades

Por André Amorim

A pandemia do novo coronavírus influenciou a economia de modo geral, mas nem todos os setores da mesma maneira. Logo nos primeiros dias da chegada do vírus ao Brasil, em março, pessoas correram aos supermercados para estocar papel higiênico. Com a necessidade de isolamento social, aumentaram os serviços de entrega (*delivery*) e a decorrente demanda por embalagens. Por outro lado, caiu o uso de papel para impressão em escritórios e repartições, muitos dos quais adotaram o trabalho em casa.

Todas estas mudanças influenciaram intensamente o setor de papel e celulose, segmento que vem se confirmando há décadas como um dos mais promissores e competitivos do país e que tem no Paraná um de seus principais expoentes.

Tanto o papel quanto a celulose têm como matéria-prima as árvores plantadas (eucalipto e pinus), setor que está intimamente ligado à produção rural. Tal como na soja ou na cana-de-açúcar, a performance destas plantas se beneficia das características de clima e solo, garantindo bom desempenho no campo, e das condições econômicas, em especial o custo de produção, para

garantir a competitividade dos produtos lá fora.

A produtividade das árvores brasileiras é a maior do mundo: 36 m³ por hectare ao ano no caso do eucalipto e 30,1 m³ ha/ano quando pinus. Outros concorrentes têm números na casa dos 30 m³ e 20 m³ respectivamente. Além disso, por aqui, a rotação das florestas é mais rápida, ou seja, menos tempo entre o plantio e a colheita.

Desta forma, não surpreende que os produtos florestais como um todo (incluindo painéis e pisos de madeira, entre outros) venham logo depois do complexo soja e das carnes quando se trata de exportações do agronegócio brasileiro.



Competitividade e oportunidade

“Estes dois segmentos, principalmente o de celulose, são muito competitivos em nível mundial. Para se ter ideia, o Brasil exporta tecnologia. Nossos serviços não precisam ser importados, como ocorre nas indústrias de bens e capital. Além disso temos estrutura e custo baseados em real e a receita em dólar”, sintetiza o economista-chefe da Lafis Consultoria, Felipe Souza, especialista em papel e celulose.

Na visão de Souza, estes fatores conferem às indústrias brasileiras mais condições para suportar os solavancos econômicos decorrentes da pandemia. “No longo prazo tende a ser positivo [para a indústria brasileira]. Quando o preço da celulose cai, acaba por pressionar a produtividade das indústrias em termos globais e tende a afetar mais quem tem um custo operacional mais alto. Algumas unidades na América do Norte podem até vir a fechar. Já as indústrias brasileiras têm uma musculatura maior para aguentar essa turbulência”, avalia.

No primeiro trimestre deste ano, as exportações brasileiras de celulose e papel recuaram -31% e -6,6%, respectivamente na comparação com o mesmo período de 2019. Na opinião do especialista, números mais atualizados devem

trazer resultados piores. “De janeiro a março pegou pouca pandemia. Acredito que de abril a julho vamos sentir maiores efeitos, mas o setor vai continuar operacional até o final do ano, e ainda deve conseguir um aumento, mesmo que pequeno”, avalia Souza.

O valor da celulose de fibra curta no mercado interno também recuou. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), a cotação da tonelada do produto no varejo em São Paulo caiu de US\$ 902,24 em julho de 2019 para US\$ 680 no mesmo mês deste ano. Em movimento contrário, o preço médio da tonelada do papel offset em bobina, que no mesmo mês de 2019 era R\$ 3.083,58, passou para R\$ 4.113,27 em 2020.

Segundo o consultor, o desaquecimento na demanda de alguns setores foi compensado pelo aquecimento de outros. “Houve um direcionamento para embalagens e higiene. Isso que seguiu”, observa Souza.

Gigante paranaense

A percepção do consultor vai ao encontro da experiência constatada pela Klabin durante o início pandemia. A empresa instalada no Paraná produz diversos produtos com destaque para embalagens para alimentos e de higiene,

além de celulose do tipo fluf (fibra longa). Em 2019, a gigante do setor vendeu 3,32 milhões de toneladas dos seus produtos e planeja investimentos da ordem de R\$ 9 bilhões para os próximos anos em uma nova unidade produtiva (projeto Puma II).

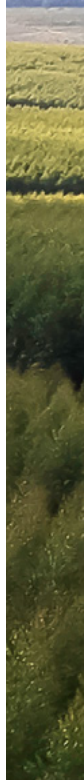
Segundo o diretor industrial de papel da companhia, Arthur Canhisares, a pandemia imprimiu algumas mudanças. “[A demanda por produtos] de higiene e limpeza aumentou bastante. Nos gêneros alimentícios, embalagens de leite e suco, por exemplo, houve uma pequena mudança no perfil de consumo, deixou-se de consumir as pequenas porções e passou-se a consumir a embalagem familiar”, observa.

Esta mudança de hábitos pode refletir alguns desdobramentos do isolamento social imposto pela pandemia, que levou as pessoas a comerem mais em casa e, assim, adquirirem porções maiores para evitar sair mais vezes para fazer compras.

Segundo a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), entidade que representa as empresas do setor florestal, dos 1,57 milhão de hectares ocupados por pinus em todo Brasil em 2018, 42% estavam no Paraná. Grande parte destas áreas destina-se à produção da Klabin, que atua no Estado desde 1942.

De acordo com Canhisares, os planos de expansão que vinham sendo traçados pela empresa não mudaram com a pandemia. “Hoje produzimos 2,5 milhões de toneladas, entre celulose e papel. Com esse novo investimento no projeto Puma II vamos para 3,5 milhões de toneladas”, afirma. O que mudou foi o sentimento de responsabilidade sentida durante este período. “Além de cuidar da saúde dos nossos colaboradores, adotando protocolos bastante rígidos em todas as operações, pois não podíamos deixar faltar embalagem”, diz.

Vale lembrar que o setor de papel e celulose já passou por crises mais contundentes. “Há dez anos com os portais de notícias na internet e o *Kindle* [dispositivo digital para leitura de livros], muita gente achou que o fim do uso do papel seria mais rápido. Não acabou e, por mais que tenha sua importância afetada, continua sendo muito relevante”, observa Souza, da consultoria Lafis.



O papel das exportações

Segundo a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), entidade que representa as empresas de árvores plantadas, em 2019 o país produziu 10,53 milhões de toneladas de papel e 19,69 milhões de toneladas de celulose. Estes números garantem ao Brasil o segundo lugar no ranking mundial da celulose, atrás dos Estados Unidos, e oitavo lugar na produção de papel. Os principais destinos das exportações brasileiras são a China, Estados Unidos e Europa, que apesar de serem grandes produtores, também são grandes consumidores destes produtos.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), entre janeiro e junho de 2020, o Paraná exportou 535 mil toneladas de celulose e 309 mil toneladas de papel. Estes dois setores representam cerca de 47% no total de produtos florestais exportados pelo Estado.

Nos primeiros seis meses de 2020, o Paraná foi o primeiro colocado entre os Estados brasileiros no ranking das exportações de produtos florestais, movimentando cerca de 1,8 milhão de toneladas de itens como papel, celulose, pisos e painéis de madeira, sendo que esse último teve um aumento significativo nos negócios. No primeiro semestre, os principais destinos foram os Estados Unidos, China e Argentina.

“As exportações aumentaram relevantemente para Europa, Ásia e Mercosul. Mantivemos o número de saídas, com foco em [produtos de] alimentação e essencialidade”, observa o diretor de Planejamento Operacional, Logística e Suprimentos da Klabin, Sandro Ávila.

Segundo o dirigente, “houve um desaquecimento no mercado interno dos produtos acessórios e automotivos. Em contrapartida, os setores alimentício e de limpeza aceleraram. Na Klabin percebemos aumento na exportação. Houve uma reconfiguração”.

Para facilitar o escoamento da produção rumo ao mercado externo, a Klabin arrematou, no ano passado, uma área no Porto de Paranaguá, onde será construído um terminal para movimentação de celulose. “A pandemia não

Potência exportadora

Principais destinos dos produtos florestais brasileiros em 2018 com base no valor de exportação



Paraná

lidera o ranking nacional de exportações nos primeiros seis meses de 2020

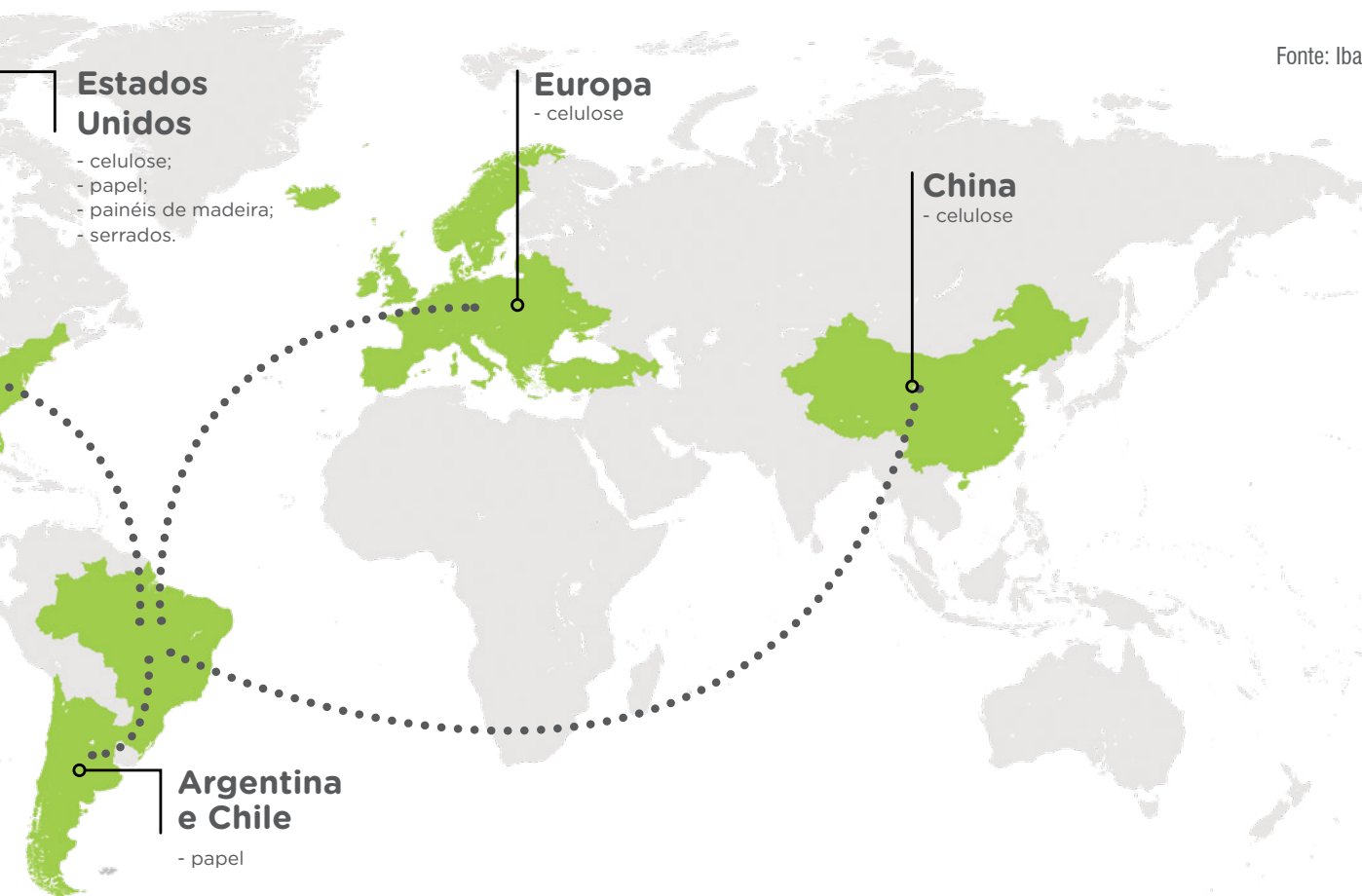
2º Mato Grosso do Sul

3º São Paulo

4º Santa Catarina

afetou o plano macro da companhia, de verticalizar totalmente a exportação de celulose, criando uma condição de competitividade muito maior. Trata-se de um projeto longo desenvolvido há muitos anos, estamos em uma fase de projetos detalhados para começar as obras ainda esse ano”, adianta Ávila.

Todo trajeto das unidades produtivas da Klabin até o Porto de Paranaguá é feito por via ferroviária. “Temos conexão ferroviária da fábrica até Paranaguá. Temos ramal de ligação à linha principal da malha ferroviária. São 27 quilômetros de ramal privado que conectou as fábricas com a linha principal. Tudo es-



1,06 bi
doláres



1,82 mi
toneladas



18,73%
das exportações

0,91 bilhão

2,34 milhões

16,07%

0,80 bilhão

1,49 milhão

14,23%

0,67 bilhão

1,16 milhão

11,83%

Fonte: Agrostat/Mapa | Elaboração: DTE/Sistema FAEP

coado por ferrovia”, afirma o diretor da empresa.

A logística é uma grande preocupação a companhia, que tem no mercado externo um importante consumidor “Nosso complexo no Paraná é bastante exportador. Vamos passar de 60% da produção exportada”, finaliza Ávila.

“As indústrias brasileiras têm musculatura maior para aguentar a turbulência”

Felipe Souza, consultor especialista em papel e celulose

A FUGA CINEMATOGRÁFICA DE CHURCHILL

Muito antes de ficar famoso pela atuação como primeiro ministro do Reino Unido na Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill protagonizou uma das fugas de prisão mais incríveis da história

Winston Churchill (1874-1965) tem seu nome gravado na história principalmente pela sua atuação como primeiro ministro do Reino Unido, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Mas, muito antes, nos últimos anos do século XIX, ele deixou sua marca também no jornalismo. Foi um correspondente de guerra bastante famoso, tendo boa parte de suas reportagens épicas publicadas no jornal "Morning Post" (que circulou entre 1772 e 1937, sendo então comprado pelo "Daily Telegraph", que existe até hoje). Porém, durante a apuração de uma reportagem na África do Sul, Churchill quase foi fuzilado em um episódio que até parece roteiro de filme.

O jovem repórter, então com seus 20 e poucos anos, estava cobrindo a guerra entre a Grã-Bretanha e os colonos holandeses rebeldes da África do Sul, em 1899. Para garantir uma visão privilegiada do confronto, Churchill convenceu o Exército do Reino Unido a lhe conceder uma patente. Assim pôde ocupar posições

que somente combatentes teriam acesso. Justamente por isso, e por estar armado, acabou sendo capturado pelo exército inimigo e levado a um cativo na cidade de Petrória, onde teve decretada sua sentença de morte por fuzilamento.

Churchill estava no corredor da morte havia cerca de um mês, segundo contou em reportagem publicada posteriormente no "Morning Post". Depois de muito observar o esquema de rondas dos sentinelas, bolou um plano para escalar o muro de pedra de mais de três metros de altura sem ser notado. No dia 12 de dezembro de 1899, pouco depois das 19 horas, Winston conseguiu observar uma brecha na vigilância e escalou o muro desapercivelmente.

Petrória era o coração do país inimigo na época e estava com todas as saídas bloqueadas. Apesar disso, Churchill andou pelas ruas sem ser notado até chegar ao subúrbio da cidade. Para que se salvasse, ele precisaria vencer ainda os cerca de 500 quilômetros até a baía Delagoa, onde estava fixada uma base inglesa. "Eu tinha



75 libras no bolso e quatro barras de chocolate (...). Pior ainda, eu não falava uma palavra de holandês ou kaffir, como ia pedir orientações?”, escreveu na reportagem que publicaria sobre o tema.

A viagem de 500 quilômetros não poderia ser feita a pé. Então, Churchill planejou embarcar em trens em movimento e se esconder embaixo dos bancos, no topo, nos engates ou em qualquer parte. Isso tudo sempre à noite, quando era mais difícil ser reconhecido – durante o dia, ele sempre ficava escondido em segurança.

Logo no primeiro dia, depois de duas horas de caminhada, encontrou uma ferrovia e se escondeu numa vala ao lado dos trilhos, próximo a uma estação. Conseguiu, após duas tentativas frustradas correndo aos trancos e barrancos, se agarrar ao trem. Tratava-se de uma carga de mantimentos. Por sorte não havia passageiros nos vagões. Assim, pôde usar os pacotes como travesseiro, viajando até pouco antes do amanhecer.

O correspondente de guerra repetiu o plano ao longo de vários dias: caminhar trechos a pé, se esconder em valas, matas, tomar água de rios e lagos e pegar trens clandestinamente à noite.

No total, a fuga durou cerca de nove dias. O último trecho da viagem foi o único que não foi feito apenas à noite, e durou dois dias e meio diretos. Churchill se escondeu no meio da carga. Em uma parada, o trem foi revistado, mas por sorte, ele não foi encontrado pelos guardas. Ao chegar na base britânica, foi recebida por Alexander Carnegie Ross (1859-1940), que confundiu Winston com um dos foguistas de navios por este estar imundo de carvão.

Churchill não esperou sequer chegar no Reino Unido para escrever a reportagem sobre sua incrível fuga. “É do camarote deste pequeno navio [vapor *Induna*] que escrevo estas linhas, e o leitor que perseverar neste apressado relato certamente compreenderá o porquê o escrevo com uma sensação de triunfo, e mais que triunfo, uma sensação de pura alegria”, finalizou o autor.

Show Pecuário será *online* este ano

Atendendo à necessidade de isolamento social, evento voltado aos criadores do Estado acontece entre os dias 25 e 28 de agosto

A edição 2020 do Show Pecuário, voltado a criadores e pecuaristas do Estado, realizado anualmente em Cascavel, na região Oeste, será transmitido pela internet, de modo a cumprir as determinações de saúde de isolamento social durante a pandemia do novo coronavírus. Inicialmente cancelado, o evento promovido pelo Sindicato Rural de Cascavel e pela Sociedade Rural do Oeste do Paraná com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, teve o seu formato remodelado para que pudesse ser realizado de forma *online*.

“Encontramos uma oportunidade de repassar conhecimento em meio à pandemia. As transmissões ao-vivo pela internet têm acontecido a todo o momento, em todos os segmentos, e resolvemos também apostar nessa ideia”, afirma o presidente do Sindicato Rural de Cascavel, Paulo Orso.

Entre os dias 25 e 28 de agosto, os participantes poderão acompanhar palestras por meio do canal do Youtube do evento e também uma mesa-redonda de encerramento com diversos especialistas da área. Será realizada uma transmissão por dia, sempre entre as 19h30 e as 20h30.

Evento consolidado

Chegando em sua 6ª edição em 2020, o Show Pecuário de Cascavel já entrou para o calendário dos criadores paranaenses devido à relevância dos temas discutidos e pelo fato de ser uma importante vitrine para as carnes paranaenses, que têm como característica principal a qualidade.

Nas edições anteriores, o evento contou com exposição de animais, leilões, além de estandes e palestras com especialistas de diversas áreas ligadas à pecuária. Também é um espaço de debate do setor, onde já foram realizadas diversas reuniões das Comissões Técnicas da FAEP ligados à criação de animais. O objetivo é levar informação de qualidade aos pecuaristas paranaenses.



Programação

25/8 – Palestra com Alexandre Tolo - zootecnista e gerente nacional de Sistemas de Ordenha Voluntário da DeLaval Brasil.

26/8 – Palestra com Thiago Bernardino de Carvalho - pesquisador do Cepea.

27/8 – Palestra com Izaías Junior - médico veterinário da Zoetis e mestre em reprodução bovina.

28/8 – Mesa redonda - Ronei Volpi, presidente da Comissão Técnica da Bovinocultura de Leite da FAEP; René Machado, Gerente Executivo da Nestlé Brasil; e Paulo Orso, presidente do Sindicato Rural de Cascavel.

FAEP compõe conselho da Sefa

No dia 12 de agosto, os técnicos do Departamento Jurídico da FAEP Eleutério Czornei e Leonardo José Piantavini foram empossados pelo Secretário de Estado da Fazenda (Sefa) como membros do Conselho de Contribuintes e Recursos Fiscais do Estado do Paraná (CCRF). A nomeação foi feita pelo governador Carlos Massa Junior por meio do Decreto 5.326/2020. A duração do mandato dos conselheiros é até 31 de julho de 2021. A FAEP participa do conselho desde 1972.

O conselho é responsável pelo julgamento de infrações à legislação tributária estadual, como o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), e é composto por representantes do setor público e contribuintes de forma paritária. A representação do setor rural no CCRF é fundamental para que a realidade dos produtores paranaenses seja levada às autoridades e, dessa forma, os membros do conselho podem contribuir para a melhoria do sistema tributário estadual. Entre os membros da CCRF, além da FAEP, estão a Fiep, Ocepar, Fecomércio, ACP) e Faciap.

Expotécnica digital

Pela primeira vez em 27 anos, o evento técnico Expotécnica, organizado em uma propriedade na cidade de Sabáudia, será realizado de maneira virtual. O evento está dividido em cinco etapas. A primeira ocorreu em agosto, enquanto as demais serão nos próximos meses, de setembro a dezembro. Nas próximas edições, a proposta é que o evento continue com os dois formatos coexistindo simultaneamente, ou seja, presencial, como é feito desde o seu início, e também na internet. Mais informações podem ser conferidas em www.expotecnica.com.



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/07/2020

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS/BANCÁRIAS
	1-13	14						
Saldo C/C	219,13	-	-	-	-	26,21	192,92	
Serviços D.S.A.	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	
Sector Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	47.142.169,96	-	2.341.952,64	-	
Sector Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	4.868.728,24	-	192.156,99	-	
Sector Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	4.712.206,05	-	-	-	
Sector de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	182.582,82	-	-	-	
Sector Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	17.885,73	-	-	-	
Sector Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	229.478,44	-	-	-	
Pgto. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	77.567,43	-	
Rest. Indenização Sacrificio de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	
TOTAL	20.744.401,13	4.624.105,00	141.031,00	57.291.732,33	542.225,27	2.675.140,63	77.593,64	
SALDO LÍQUIDO TOTAL							80.048.535,19	

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

Curso do SENAR-PR inspirou projeto Jardins de Mel

Idealizador participou de capacitação da entidade antes de implantar mais de 60 meliponários em parques, praças e escolas de Curitiba

As abelhas sem ferrão cumprem um papel fundamental na perpetuação de diversas espécies vegetais. A serviço do ecossistema, elas são responsáveis pela polinização de até 90% da flora brasileira, além de importantes aliadas no desenvolvimento de culturas agrícolas.

Em 2006, a preocupação com a conservação das espécies de abelhas sem ferrão (também conhecidas como meliponídeos ou abelhas nativas) atingiu o então estudante de agroecologia Felipe Thiago de Jesus,

que, na época, começava a direcionar sua carreira profissional para este objetivo. O primeiro contato com a meliponicultura (criação racional de abelhas sem ferrão) se deu por meio do curso do SENAR-PR, promovido para um grupo de alunos da faculdade.

“Na época, eu nunca tinha ouvido falar sobre as abelhas sem ferrão e o curso do SENAR-PR chamou atenção. Eu lembro que o professor até se emocionou falando sobre a importância destas abelhas, fato que me

comoveu. Percebi que tinham poucos jovens buscando esse conhecimento. Ali decidi que queria trabalhar com as abelhas, então comecei a procurar os produtores, associações, fazer outros cursos”, conta Jesus.

Atualmente, o agroecólogo é o responsável pelo projeto Jardins de Mel de Curitiba, iniciativa que fomenta a reintrodução e preservação das abelhas nativas no ecossistema. O projeto, implantado em 2017, foi idealizado por Jesus a pedido do prefeito Rafael



O prefeito de Curitiba, Rafael Greca, e o agroecologista Felipe de Jesus durante atividade do projeto



Greca. “Eu sempre trabalhei por conta. Além de criar as abelhas, dava cursos e palestras na comunidade e no exterior. Até que um dia o prefeito ligou perguntando se eu era o ‘Felipe das abelhas do bem’ e pediu para eu fazer uma proposta para Curitiba”, revela.

A partir disso, Jesus desenvolveu o projeto para instalar meliponários em espaços da cidade, incentivando a conscientização ambiental e promovendo conhecimento para a população. Hoje, Curitiba já possui mais de 60 jardins de mel espalhados em parques, praças, escolas e hortas comunitárias. Os locais escolhidos recebem colmeias de cinco espécies diferentes: mandaçaia, jataí, manduri, mirim e guaraipo.

Ainda, por meio do projeto, a prefeitura oferta cursos sobre as abelhas sem ferrão para a comunidade, com aplicações teórica e prática. O projeto recebe apoio integrado das Secretarias de Segurança Alimentar e Nutricional (SMSAN), Meio Ambiente (SMMA) e Educação (SME).



Educação para preservar

Na coordenação dos Jardins de Mel, Jesus conta com a parceria da bióloga Solange Regina Malkowski, também especialista na criação de abelhas sem ferrão, que auxiliou para que o projeto saísse do papel. A bióloga atua no meliponário do Museu de História Natural de Curitiba, que oferece subsídio para as colmeias instaladas pela cidade.

“Tomamos muito cuidado com os locais de instalação e a estrutura, colocando as colmeias próximas à vegetação necessária para as espécies. Mas, se acontecer algum problema com os Jardins, temos esse suporte para cuidar das abelhas”, explica Solange.

Segundo a bióloga, a receptividade da população tem sido muito positiva e, inclusive, muitos demonstram interesse em criar as abelhas em casa. “Nós oferecemos todas as orientações e até indicamos produtores da Região Metropolitana com quem as pessoas podem entrar em contato. Estamos muito contentes com os resultados e que a população esteja se conscientizando sobre a importância das abelhas e da polinização, pensando no cuidado com o meio ambiente e buscando conhecimento para ajudar da melhor forma”, destaca.

Para o idealizador e coordenador do projeto, este trabalho vem se consolidando como um instrumento de incentivo ao desenvolvimento da atividade dentro do espaço urbano. Por meio da criação de abelhas, a população também pode contribuir para preservação do meio ambiente e da biodiversidade. “Os Jardins de Mel são voltados para o despertar da consciência ecossistêmica do cidadão”, finaliza.

SENAR-PR oferta curso de meliponicultura

A capacitação do SENAR-PR que inspirou o agroecólogo Felipe Thiago de Jesus está à disposição dos produtores e trabalhadores rurais do Estado. O curso, com foco na criação racional de abelhas sem ferrão, tem carga-horária de 32 horas. Dentre os conteúdos ministrados estão conceitos básicos sobre as abelhas nativas, como distribuição geográfica, tipos de ninho e estrutura das colônias, até noções práticas sobre instalação e manutenção de um meliponário e aproveitamento do mel.

Desde 2004, quando passou a ser ofertado, mais de 5,6 mil pessoas já fizeram o curso de meliponicultura do SENAR-PR. Apenas nos municípios que fazem parte da regional de Curitiba, mais de 2,3 mil pessoas passaram pela capacitação.

Para mais informação sobre a capacitação e agendamento futuro, basta acessar o site www.sistemafeap.org.br ou procurar o sindicato rural local. No momento, por conta da pandemia do novo coronavírus, os cursos presenciais do SENAR-PR estão temporariamente suspensos.

PARANÁ

ONDE SE PRODUZ

Milho e Soja



O “endereço” do Agro do PR

É normal que a gente não repare tanto nos detalhes do caminho até nossa casa. O “caminho da roça” vira algo controlado pelo piloto-automático do nosso cérebro. E isso funciona muito bem... até termos que explicar para alguém como chegar na nossa residência. “Siga sempre pela principal” e “vire à esquerda no pé de manga” são orientações comuns, mas bem imprecisas. E se dissermos que essa é uma situação que pode ser comparada, de certa forma, ao que acontece no campo paranaense?

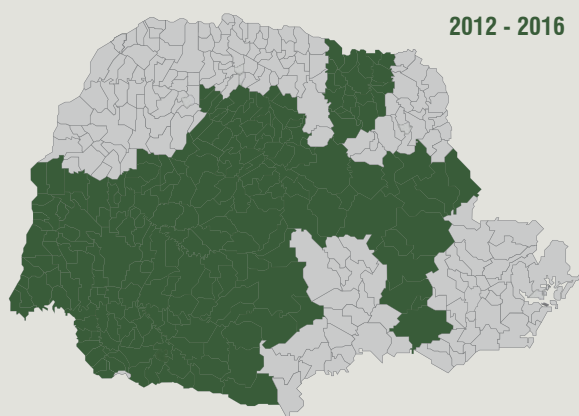
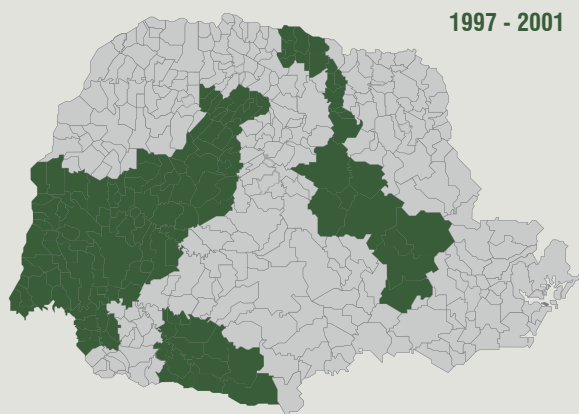
Para nós, que estamos todos os dias mergulhados nessa realidade, é fácil dizer por vivência que a soja está tomando o espaço do milho verão e que em Castro temos um polo de alta tecnologia de produção de leite. Mas e quando temos que explicar isso para um investidor internacional? Como fazemos para mostrar o “endereço” do Paraná como grande potência do agronegócio? Ou ainda, como fazemos para traçar as políticas públicas para o setor de forma assertiva, no lugar e na hora certa?

Esta seção especial do **Boletim Informativo**, que começa neste número e seguirá nas próximas quatro edições, vai mostrar que o Estado deu um passo importante nesse sentido. O setor passou a contar com um estudo detalhado de onde e como ocorrem as principais culturas e atividades pecuárias em nosso território. Esse esforço, do Instituto de Desenvolvimento Rural – Iapar – Emater (IDR-PR), coloca no mapa detalhes cruciais para a tomada de decisão de investidores, lideranças rurais e políticas, produtores, técnicos, empresas, enfim, todos os envolvidos na cadeia produtiva.

Além de situar onde estão concentradas as atividades, essa pesquisa também faz uma leitura de como e porque elas mudaram ao longo das últimas décadas. “Nosso objetivo é mapear onde estão os polos de cada cultura, incluindo dados sobre o nível de especialização de cada um desses locais, principais indústrias processadoras e outros detalhes importantes”, revela Tiago Telles, pesquisador do IDR-PR. “Na primeira fase, a abrangência do estudo foi soja e milho, laranja, café, leite e mandioca e já temos uma segunda em andamento, que abrange culturas importantes como pecuária [suínos, aves e bovinos de corte], cana-de-açúcar, fruticultura e olerícolas”, completa Telles.

Werner Hermann Meyer Junior, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP, enfatiza que um levantamento com essa abrangência vai elevar as informações sobre a agropecuária paranaense a um novo patamar. “Esse estudo proporciona mais conhecimento para a adoção de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento das culturas nas regiões indicadas, assim como gera informações importantes para potenciais empreendedores, tanto para produtores quanto para indústria de transformação, entre outras atividades relacionadas, como a produção de embalagens, exportação, etc.”, avalia.





Microrregiões

■ Especializadas ■ Não Especializadas

Soja e milho

Diferentemente de outras culturas que tiveram fases de estudo separadas, a soja e o milho são uma dupla que precisa ser analisada em conjunto no Estado. Em síntese, as viabilidades econômica e tecnológica de uma segunda safra, depois da soja, têm sufocado a área de milho verão. Ou seja, a soja se espalhou pelo Estado na primeira safra, tomando espaço do cereal no período inicial da temporada, que vai de setembro a março.



A expansão da soja (mapa ao lado) se deu em especial nas microrregiões de Apucarana, Cornélio Procópio, Faxinal, Lapa, Francisco Beltrão, Guarapuava, Ivaiporã e Pitanga. O deslocamento observado ao longo dos anos ocorreu principalmente por meio da destinação de áreas cultivadas com milho de primeira safra para a produção de soja. O motivo principal é por a oleaginosa proporcionar melhores resultados econômicos. De 1997 a 2016, o Estado do Paraná apresentou um aumento de 57% no número de microrregiões especializadas na cultura da soja.

Por outro lado, a área colhida do milho primeira safra apresentou um decréscimo de 55,8% entre 2007 e 2016, a uma taxa anual de -18,9%. Todas as mesorregiões paranaenses tiveram decréscimo da área de cultivo. Isso não significa, no entanto, perda da importância do milho. O cereal é fundamental no arranjo produtivo, especialmente na faixa Oeste – polo produtor de aves e suínos, como veremos a seguir.

Safrinha virou safrona

O desempenho crescente e positivo da produção de milho segunda safra na região Oeste do Paraná se deve justamente às cadeias produtivas de aves e de suínos, uma vez que o milho é insumo essencial para a alimentação animal. Além disso, somente as regiões Oeste e Norte Central do Paraná conseguem se destacar nesse cultivo, visto que as regiões Sul e Sudeste apresentam baixas temperaturas, o que limita o cultivo comercial do milho de segunda safra.

Estudo completo

Esta série faz um breve relato com alguns dos destaques dos estudos promovidos pelo IDR-PR sobre as principais culturas do Estado e os locais por onde estão distribuídas. Este é o primeiro texto, que tratou de soja e milho, principais produtos da agricultura estadual. Vamos falar ainda de laranja, café, leite e mandioca nas próximas edições. Para ler uma versão dos estudos com mais detalhes, aponte seu celular para o QR Code abaixo.



CONFIRA MAIS SOBRE O ESTUDO

É fácil!

- Ligue a câmera do seu celular, aponte para o QR Code, acesse o link e assista. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.



Da colheita à comercialização, café dribla a pandemia

Isolamento social, dólar valorizado e o clima favorável influenciaram setor paranaense nesta temporada, que precisou se adequar à nova realidade

As mudanças de hábitos impostas pelo isolamento social, resultado da pandemia do novo coronavírus, imprimiram efeitos na cadeia do café do Paraná, a começar pelas cafeterias, que tiveram que fechar, passando pela mão de obra utilizada na colheita, que precisou seguir novos protocolos de saúde, até as exportações, que em junho obtiveram receita de R\$ 1,7 bilhão, aumento, em reais, de 19,9% em relação ao mesmo mês de 2019.

Do ponto de vista do campo, parece que a crise não existe. Com praticamente todo café paranaense já colhido, essa é uma das melhores safras dos últimos tempos, em termos de qualidade. “Nunca tive um percentual de cereja descascado igual a esse: em torno de 60%. Como não teve chuva continuada, melhorou muito a qualidade. Fazia uns cinco anos que não tinha uma colheita tão boa”, comemora o produtor Ricardo Batista Santos, de Congonhinhas, no Norte Pioneiro.

O preço também foi motivo de comemoração. “Chegou a R\$ 510 a saca do ‘bica corrida’”, como Santos se refere ao café convencional comercializado junto às cooperativas. Lotes de café de qualidade superior podem obter quatro vezes este valor. Nesses casos, o produtor comercializa por meio da Cooperativa de Produtores de Cafés Especiais do Norte do Paraná (Coccenp), que vende o produto para cafeterias e outros locais especializados.

“Houve procura muito grande de café esse ano. Nos primeiros meses da pandemia ficou meio travado, mas depois voltou ao normal”, relata o produtor.

Este ano é de “safra cheia”, segundo Santos, pelo fato dos pés de café produzirem a pleno vapor, ao contrário de outros anos quando passam pelo esqueletamento, podas bruscas para aumentar a produtividade. A média do produtor nos últimos quatro anos foi de 55 sacas de café beneficiado por hectare, contra 70 sacas/ha nesta temporada.

“As condições climáticas favoreceram a concentração das florações, isto é, uma florada mais perto da outra. Isso proporciona a predominância de um grão mais maduro e mais uniforme e traz facilidades na hora da colheita. Além disso a estiagem do início do ano não teve impacto severo na granação do fruto”, explica a técnica do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR Jéssica D’ângelo. “A seca deste ano foi bastante benéfica para o café, pois induziu à maturação mais precoce dos frutos”, afirma o cafeicultor Tumoru Sera, de Congonhinhas.

Dólar expresso

Tumoru começou a plantar café nos anos 1990 quando o preço pago pela saca do produto era “pior do que péssimo”, na casa dos US\$ 60. Hoje, uma saca é cotada a mais de US\$ 100, chegando a valores maiores quando se trata de lotes especiais ou *gourmets*. Nos seis primeiros meses de 2020, o preço médio da saca foi de US\$ 130,76.

Segundo o relatório do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), no primeiro semestre deste ano o Brasil exportou 19,6 milhões de sacas do produto (79% de café do tipo arábica). No mesmo período de 2019 foram 20,4 milhões de sacas. Já quando se trata de receita, o dólar adoçou o café dos exportadores brasileiros neste semestre. A receita cambial dos seis primeiros meses de 2019 ficou em R\$ 9,8 bilhões, enquanto no mesmo período deste ano, mesmo com menor volume exportado, a receita foi de R\$ 12,6 bilhões. Para efeito de comparação, em 1º de julho de 2019 o dólar valia R\$ 3,81 e, na mesma data em 2020, R\$ 5,36.

“Chegamos a patamares de preços nominais que não tínhamos há cinco anos”, observa o coordenador de política agrícola da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Maciel Silva.



Ricardo Batista diz que a estiagem melhorou a qualidade do café

Efeito amargo

A movimentação nos portos não reflete a realidade do chamado *food service* (setor que compreende cafeterias, restaurantes e lanchonetes), nem do varejo. Segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), Ricardo de Sousa Silveira, logo após o início da pandemia, muitos consumidores buscaram armazenar o produto com receio de um desabastecimento. “Essa situação gerou um aumento pontual de 35% nas vendas em março, que seguiu com queda em abril”, ressalta. Na opinião do executivo, as indústrias de café não foram tão afetadas porque tem seus maiores canais de distribuição no varejo tradicional (supermercados) que se mantiveram abertos durante a pandemia. “Mas, o consumo doméstico não irá compensar totalmente a ausência do consumo fora do lar, que foi muito impactado com o isolamento social”, aponta.

A empresária Georgia Franco de Souza, proprietária da cafeteria Lucca Cafés, de Curitiba, sentiu os solavancos econômicos deste período. “O que nos salvou foi a diferenciação dos cafés que nós vendemos”, conta, referindo-se aos microlotes exclusivos com alta pontuação que ela mesmo torra e comercializa.

A cafeteria de Georgia passou por diversos períodos de fechamento total e, até o encerramento desta edição, atendia com 30% da capacidade de ocupação. Para driblar a restrição da comercialização da bebida preparada, a Lucca implantou um serviço de entrega com motoboy. “O saldo [do período de pandemia] foi extremamente negativo, mas teríamos ido a colapso se não fossem as vendas do café para consumo em casa”, afirma a empresária. Para complementar, passou a entregar também pão com fermentação natural. Outras estratégias, como vendas com entrega via correio e clube de assinantes de café já faziam parte da rotina da Lucca.



Dona de um café, Georgia Franco sentiu os “solavancos econômicos”

Concurso Café Qualidade Paraná

Uma das grandes vitrines do café paranaense, o concurso Café Qualidade Paraná está com inscrições abertas para sua 18ª edição. A iniciativa, que conta com a parceria do Sistema FAEP/SENAR-PR, tem como objetivo incentivar a produção de cafés de qualidade no Estado.

A inscrição é gratuita e pode ser feita até o dia 2 de outubro nas unidades municipais do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – Emater/Iapar.

O regulamento pode ser acessado no link www.cafequalidadeparana.com.br.

Produção se ajusta para proteger saúde dos trabalhadores

Outro reflexo da pandemia ocorreu no momento da colheita do café. Historicamente, a atividade demanda muita mão de obra, sendo inclusive um gargalo que vem levando a atividade para o caminho da mecanização. Em grandes regiões produtoras, migrações de trabalhadores ocorrem durante esses períodos. Todo este processo, desde o transporte até a disposição nos alojamentos e a própria atuação nos cafezais, precisou passar por ajustes para atender aos protocolos de saúde de enfrentamento ao novo coronavírus.

No caso do produtor Ricardo Batista, de Congonhinhas, a mão de obra utilizada na colheita resume-se a três famílias, cada uma com três integrantes, de um distrito próximo. Como não é necessário passar a noite na empreitada, foi preciso apenas ajustar a questão do transporte. Ao invés de utilizar o ônibus, o cafeicultor acertou um valor para a gasolina e cada família se deslocou em um automóvel. “Na lavoura também, pedi para eles respeitarem o distanciamento e deu tudo certo”, relata.

De acordo com o coordenador de produção agrícola da CNA, Maciel Silva, casos semelhantes ocorreram em todo Brasil, mas não chegaram a causar problemas devido à capacidade de planejamento dos cafeicultores. “O boom da pandemia foi antes do início da colheita, então os produtores tiveram tempo para se adequar e, de modo geral, cumprir os protocolos”, afirma.

VIA RÁPIDA



Campeão centenário

Há 100 anos, em 1920, o Campeonato Paranaense de futebol chegava a sua sexta edição, com sete equipes. O torneio foi disputado em dois turnos, por pontos corridos. Ao fim, o Britânia Sport Club, o "Tigre", se sagrou campeão. O Coritiba F. C. ficou com o vice-campeonato.

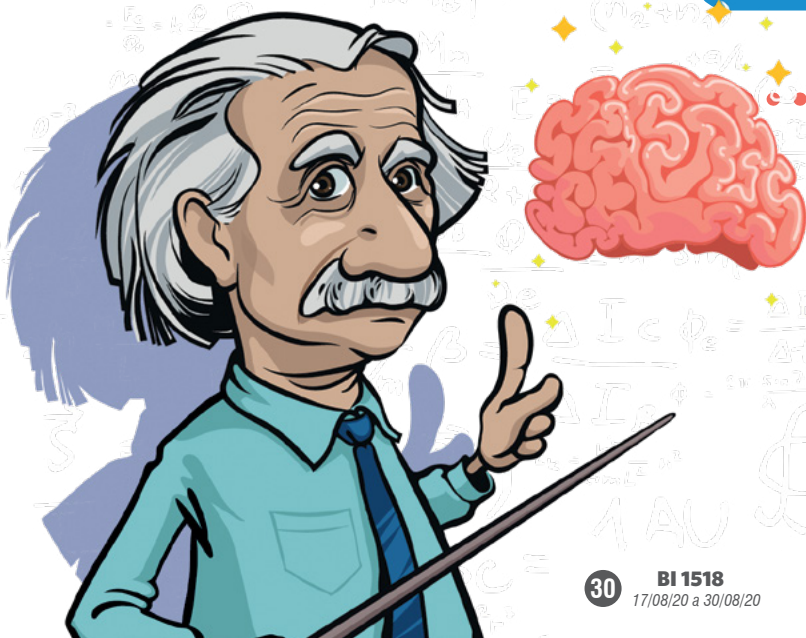
Em muitas línguas

Você sabia que o livro mais traduzido do mundo foi escrito por um brasileiro? Trata-se de "O Alquimista", de Paulo Coelho. A obra, que narra as desventuras de um pastor de ovelhas em busca de um tesouro perdido, foi traduzida para 70 línguas – dos conhecidos inglês, espanhol e francês, a idiomas mais restritos, como malaio, nepalês, quechuá e aymarâ.



Habitados por bactérias

Há uma infinidade de bactérias morando dentro de cada um de nós. Segundo cientistas, há cerca de 100 trilhões delas em cada corpo humano. É muita bactéria!



O cérebro do gênio

Albert Einstein morreu em 1955. O cérebro do físico alemão, no entanto, se mantém conservado até hoje. O órgão foi colocado em uma solução de etanol e álcool etílico. Alguns cientistas já estudaram o órgão, mas não encontraram explicações para a genialidade de Einstein.





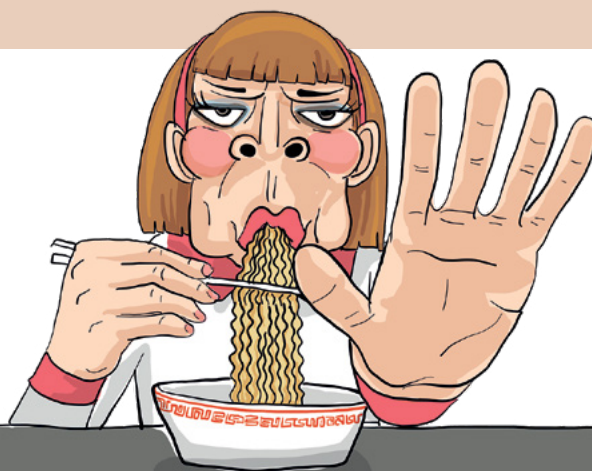
O riso da hiena

O som emitido pelas hienas, similar a um riso humano, não tem nada de engraçado. Cientistas da Universidade da Califórnia, Estados Unidos, descobriram que as hienas que emitem barulho parecido com um riso agudo e alto estão em posição inferior hierarquicamente dentro da comunidade. As hienas dominantes emitem um som mais grave e baixo. Ou seja, o riso das hienas é pura frustração.



Cidade fantasma

O Paraná também tem sua cidade fantasma. Trata-se da vila de Ararapira, localizada ao Norte do litoral paranaense. A localidade foi uma das 20 vilas fundadas por portugueses, ainda nos tempos da monarquia, no século XVIII. Hoje, ninguém mais mora lá, mas virou ponto turístico e conserva intactos a igreja e o cemitério, além de muitas casas.



Macarrão?

A mulher chega à delegacia e, toda preocupada, diz ao delegado:

- Doutor, meu marido saiu ontem para comprar arroz e ainda não voltou. O que eu faço?
- Hmmmm... Sei lá. Faz macarrão.



A obra mais cara

A pintura "Salvator mundi" (Salvador do Mundo), de Leonardo da Vinci, foi leiloadada em Nova Iorque, em 15 de novembro de 2017, por 450 milhões de dólares, tornando-se o quadro mais caro de todos os tempos. A pintura a óleo representando Cristo foi feita em madeira há 500 anos e mede 66 x 46 centímetros. Não foi revelado quem desembolsou essa bagatela para ter o quadro.



UMA SIMPLES FOTO



CCIR 2020

Certificado de Cadastro de Imóvel Rural comprova a regularidade dos imóveis rurais.

Início: 17/08/2020

Emita sua guia de pagamento no **sindicato rural**.

É fácil, rápido e seguro.

SISTEMA FAEP



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

